

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 4 | Nº 12 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4247273>



MST ENQUANTO REDE SOCIAL PROMOTORA DE CUIDADOS: REFLEXÕES ACERCA DE UMA LUTA POR SAÚDE

Gênesis Guimarães Soares¹

Resumo

O presente estudo tem como objetivo central realizar uma reflexão acerca de algumas das formas como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se organizam e apreendem as práticas de cuidado enquanto uma rede social. Durante as discussões realizamos reflexões sobre a concepção de saúde adotada pelo MST e como esta se articula em sua organização, bem como as possíveis interpelações entre as práticas educativas enquanto forma de luta e resistência, os cuidados agroecológicos enquanto manutenção da natureza que promove saúde, a valorização e a manutenção dos saberes populares, a luta por terras e as condições de bem-estar adequadas que lhes é direito.

Palavras chave: Educação do Campo. Movimento Social. MST. Saúde.

Abstract

The main objective of this essay is to conduct a discussion about some of the ways in which the Landless Rural Workers Movement (MST) organize and apprehend care practices as a social network. During the discussions, we reflected on the concept of health adopted by the MST and how it is articulated in its organization, as well as the possible interpellations between educational practices as a form of struggle and resistance, agroecological care while maintaining the nature that promotes health, valorization and maintenance of popular knowledge, the struggle for land and the right conditions of well-being that are their right.

Keywords: Health. MST. Rural Education. Social Movement.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi estabelecido em 1984 e é conhecido como sendo um dos movimentos camponeses com maior representatividade (BORSATTO; CARMO, 2013), tendo importância no contexto de luta pela terra e de pressão nas agendas de reforma agrária (SENHORAS, 2003).

Apesar do MST possuir tamanha expressão, de acordo com a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (2013), a população do campo encara muitos entraves no que diz respeito a seguridade da garantia de condições de vida e saúde, que tem perpassado pelas áreas da educação, trabalho, saneamento básico e o meio ambiente.

Muitos são os desafios enfrentados pela população do campo por garantia de condições de vida e saúde, que passa pela estrutura fundiária brasileira fortemente desigual, pelos baixos índices de escolaridade, moradias inadequadas, falta de saneamento básico, baixa renda, entre outros, que se somam à incipiente participação dessa população na construção de políticas públicas (BRASIL, 2013).

¹ Bacharel em Psicologia e especialista pós-graduado em Análise do Comportamento. Email para contato: genesis.soares@ftc.edu.br



É aparente que através das memórias coletivas dos brasileiros que há tempos os movimentos sociais do campo lutam em prol da reforma agrária, que é a redistribuição das terras de proprietários de grandes extensões de propriedades rurais, conhecidos como latifundiários, no qual esse processo é realizado pelo Estado que distribui esses lotes de terras para as famílias camponesas. Como afirma Caldart (2001), o MST resguarda a reforma agrária como forma de recurso para as dificuldades no campo e acreditam que a ocupação é uma das principais estratégias de luta pela terra.

Partindo dos pressupostos apresentados, este ensaio propõe como objetivo central realizar uma discussão acerca de algumas das formas como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se organizam e apreendem as práticas de cuidado enquanto uma rede social.

NÃO SEREMOS INVADIDOS: O MST EM UMA LUTA POR SAÚDE

Pensando a partir das lutas históricas enfrentadas pelos mais diversos movimentos sociais que compõe a nossa sociedade, é importante destacarmos a participação ativa e incessante do movimento MST enquanto agente transformador da realidade e rede social que luta como forma de proporcionar cuidados aos seus integrantes. E assim, Gutierrez e Minayo (2009 *apud* PINHEIRO; GUANAES, 2016) discorrem que a rede social funciona como um grupo de referência para a constituição identitária do sujeito, para promoção de bem-estar e como base para o enfrentamento e incremento de ações de cuidados em saúde.

A partir disso, podemos refletir que quando pensamos em “cuidado”, muitas vezes podemos nos restringir apenas aos cuidados de profissionais da saúde ou a cuidados com o objetivo da ausência de doenças e a prevenção das mesmas, todavia, a partir dos pressupostos estabelecidos pelo MST, o ter saúde pode ser entendido como “ter a possibilidade de lutar contra o que nos agride e nos ameaça, inclusive a doença” (LIMA, 2018, p. 1).

Mediante a concepção de saúde adotada pelo MST, é possível inferir que a compreensão desse fenômeno é muito mais ampla do que podemos conceber, pois a saúde é vista como a capacidade de combate contra tudo que os aflige, seja em qualquer âmbito e não apenas voltado para uma saúde física. Dessa forma, a capacidade de ter saúde pode ser entendida como uma forma de luta e resistência. Caldart (2001) corrobora com esta reflexão e enfatiza que as lutas e o trabalho desenvolvido com o objetivo de alcançar as suas metas envolvem pontos pertinentes à produção, à educação, à saúde, à cultura, aos direitos humanos etc., que mediante a isso se reconhecem cada vez mais como sujeitos que possuem direitos.



Através disso, entendemos que o MST se configura enquanto um movimento que estabelece as suas lutas em torno da resistência e da busca por direitos que proporcionam maior qualidade de vida e consequentemente entendem que lutar por terras é também uma luta por saúde.

Apesar de surgir como um movimento que objetivava a luta por terras, o MST abrangeu as suas lutas para uma ampla gama de políticas direcionadas ao campo, a exemplo da luta por moradia adequada, educação, saúde, cultura etc. A partir dessa concepção adotada pelo MST, é importante destacar algumas das suas práticas de cuidado direcionadas aos membros do seu grupo, ou seja, da sua rede social. Ruckert e Aranha (2018, p. 117), acredita que todos esses movimentos que colocam os movimentos sociais do campo como protagonistas surgem em resposta aos diversos desafios enfrentados por eles, e assim passam a existir ações voltadas para o âmbito da "saúde ambiental, da valorização de práticas e conhecimentos tradicionais ou da promoção e educação em saúde".

Assim sendo, daremos destaque a alguns aspectos, e, nesse momento podemos nos ater as discussões realizadas por Stedile e Fernandes (2012, p. 76), que acreditam que "a frente de batalha da educação é tão importante quanto a da ocupação de um latifúndio ou a de massas. A nossa luta é para derrubar três cercas: a do latifúndio, a da ignorância e a do capital", e assim, podemos compreender que a educação é entendida como sendo uma forma de resistência, de luta e, consequentemente, de prática de cuidado para com aqueles que integram as escolas estabelecidas nos assentamentos e assim perceber que o MST compreende que "para nós, tão importante quanto distribuir terra é distribuir conhecimento" (STEDILE; FERNANDES, 2012, p. 78). Dessa forma, podemos entender a educação do campo enquanto forte promotora de práticas de cuidado em saúde no MST.

É importante destacar que o MST também tem promovido diversas ações como práticas de cuidado e prevenção em saúde, que de acordo com nota publicada pelo MST em 2018, o mesmo descreve a realização de diversas ações de cuidado, como atividades de ventosaterapia, argiloterapia, auricoloterapia e a massagem terapêutica que são realizadas pelo coletivo de cuidadores e cuidadoras do movimento, cujo o objetivo é a qualidade de vida e a prevenção de doenças.

Se tratando de práticas como prevenção em saúde, é importante destacarmos que é notório que todas as culturas e grupos possuem saberes que são inerentes e construídos historicamente através das memórias coletivas dos membros de certo grupo e são mantidas pela realização de tais práticas cotidianamente, como profere Halbwachs (2006) que ressalta que as memórias são construções coletivas mantidas na consciência de um grupo ou em suas ações.

Dessa forma, não seria diferente com o MST, uma vez que possui costumes que são próprios e uma cultura que é perpassada através das gerações e assim ocorre a valorização e manutenção das práticas populares em suas ações de cuidado para com o outro. Através disso, é possível compreender o



cuidado agroecológico que o MST tem prestado a sociedade de modo geral, pois eles apresentam uma “produção de base ecológica, ao cuidado com o ambiente e com os recursos naturais e ao resgate da biodiversidade”; “produção e ao consumo de alimentos saudáveis e sem agroquímicos, como uma estratégia de promoção da saúde” (RUCKERT; ARANHA, 2018, p. 121).

Através do proposto anteriormente, podemos apreender que o MST realiza atividades agroecológicas de produção e de subsistência no intuito de promoção de cuidados e promoção de saúde, de modo que podemos retomar ao seu conceito de saúde, que diz respeito a uma luta contra tudo que pode os afligir, e, nesse caso, seria uma produção com a utilização de agrotóxicos e a exploração não sustentável e consciente da natureza. Rotolo (2017) entende que para o MST, esse horizonte que profere conhecimentos tradicionais em integração com os cuidados ao meio ambiente à luta política por um diferente padrão de sociedade, é o que ampara de tal maneira a agroecologia quanto a saúde do campo.

Nesse ponto relacionamos algumas das práticas que se interligam em um único propósito, que é a educação que promove uma reflexão crítica acerca da própria realidade, passado, presente e futuro do movimento, como forma de promoção e manutenção da valorização do movimento enquanto uma luta histórica a favor de direitos e o cuidado com as práticas do modo de agricultura desenvolvido pelas famílias que vivem nos assentamentos. Apesar da valorização da escola, de acordo com Caldart (2009), o MST batalha para que a compreensão de educação que guia suas práticas pedagógicas se descentre da escola enquanto instituição, mas que possa ir para além dela enquanto projeto educativo.

De modo a não concluir os debates, uma vez que são diversos e muito amplos, mas sim terminar as reflexões aqui propostas, se faz necessário reconhecer a relevância das redes sociais enquanto atores de promoção de cuidados e de apoio social que se articulam de modo particular e cuidadoso, assim como cada rede social se articula para chegar aos seus objetivos. A compreensão das interconexões entre as práticas realizadas pelos então chamados de “sem terra” e a maneira como estão direcionadas a uma luta por saúde, proporcionam uma reflexão sobre o lugar que o MST oferece para as suas práticas e a valorização delas em sua cultura.

REFERÊNCIAS

BORSATTO, R. S.; CARMO, M. S. “A construção do discurso agroecológico no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST)”. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, vol. 51, n. 4, dezembro, 2013.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.



CALDART, R. S. “O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo”. **Estudos Avançados**, vol. 15, n. 43, dezembro, 2001.

CALDART, R. S. “Educação do Campo: notas para uma análise de percurso”. **Trabalho, Educação e Saúde**, vol. 7, n. 1, junho, 2009.

PINHEIRO, R. L.; GUANAES, C. “O conceito de rede social em saúde: pensando possibilidades para a prática na estratégia saúde da família”. **Nova Perspectiva Sistêmica**, vol. 20, n. 40, abril, 2016.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

LIMA, W. “Lutar por saúde é lutar pela vida”. **Portal Eletrônico do MST** [07/06/2018]. Disponível em <<https://mst.org.br>>. Acesso em: 21/09/2020.

ROTOLO, L. M. **A participação dos movimentos sociais do campo na construção das políticas públicas de saúde** (Dissertação de Mestrado Acadêmico em Saúde Pública). Recife: Instituto Aggeu Magalhães/Fundação Oswaldo Cruz, 2017.

RUCKERT, B.; ARANHA, A. V. S. “Lutar por saúde é lutar por reforma agrária: estudo sobre práticas de saúde no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”. **Revista Saúde e Sociedade**, vol. 27, n. 1, janeiro, 2018.

SENHORAS, E. M. “A reforma agrária, a luta pela terra e os assentamentos rurais”. **Revista Formação Econômica**, vol. 10, junho/dezembro, 2003.

STEDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. **Brava gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2012.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 4 | Nº 12 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima